

“Próximo governo terá mais condições para implantar a proposta”

JOSÉ ROBERTO NASSAR
SÃO PAULO

O economista Geraldo Gardenalli, professor da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV/SP), é um defensor do déficit nominal zero. Presidente do banco paulista Nossa Caixa por oito anos (governos de Mário Covas e primeiro mandato de Geraldo Alckmin), assessor especial da Fazenda do Ministério de Luiz Carlos Bresser Pereira (anos 1980) e secretário de Fazenda do próprio Ministério no começo dos anos 90, Gardenalli diz que “está na hora de mudar a política econômica”.

Está em linha com o deputado Delfim Netto (PP-SP), com o apoio extra-oficial do presidente Lula e do ministro da Fazenda Antonio Palocci e de vários setores do empresariado: planejar um ataque ao déficit fiscal e tirar, assim, da política monetária o pesado fardo de enfrentar sozinha a inflação – com o que até o Banco Central parece concordar. Com isso, “o juro cai, o dólar sobe, o crescimento volta”.

Esse novo caminho vai aca-

bar se impondo inexoravelmente, na opinião de Gardenalli. Até agora, os sinais estão misturados. “Há crédito farto lá fora, os credores parecem tranquilos e a política de Palocci segura Lula, apesar da conturbação política”, diz. Mas, se continuar esse quadro, “em algum momento os gatilhos serão detonados e quem ainda compra títulos longos do Tesouro vai começar a encurtá-los, tal como aconteceu no fim do governo FHC”. Em outras palavras: “A ficha vai cair, porque esse governo é datado”.

Um ajuste fiscal mais sério, que corte gastos correntes, mergulhe nos meandros da administração, desvincule receitas – “proposta responsável e conservadora” – exige um poder que este governo não tem mais, na opinião de Gardenalli. “Só um novo governo terá capital político para isso”, diz.

Crítico, Geraldo Gardenalli, que diz já não acreditar na reeleição de Lula, prefere jogar para a frente: “O próximo governo já tem agenda: perseguir o déficit zero”.

REGISTRO

DESMATAMENTO AMAZÔNICO

As rodovias estaduais e federais ainda hoje são o grande vetor do desmatamento no sul da região do Amazonas, embora haja ramais clandestinos na floresta. A constatação faz parte do estudo “Reflexos e Tendências do Desmatamento no sul do Amazonas”, realizado pelo Sistema de Proteção da Amazônia (Sipam) em Manaus,

capital do Amazonas. A partir do levantamento do desmatamento nos 12 municípios do sul do estado, realizado pela Divisão de Análise Ambiental (Damb), 20 profissionais multidisciplinares trabalharam durante três meses com cruzamento de dados para elaborar um cenário dos diversos fatores que influenciam a destruição da natureza.